

PERCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS SOBRE AS OFICINAS TERAPÊUTICAS COMO INSTRUMENTO DE REABILITAÇÃO NO CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

PERCEPTION OF PROFESSIONAL WORKSHOPS ON THERAPEUTIC
REHABILITATION AS INSTRUMENT IN PSYCHOSOCIAL CARE CENTER

**ALINE RAQUEL DE SOUSA IBIAPINA¹, CLAUDETE FERREIRA DE
SOUZA MONTEIRO²**

¹Enfermeira, Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí. End.: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga - Teresina – PI (Brasil), CEP: 64. 049-550. Telefone (86) 3215-5525, E-mail: alineraqueel8@hotmail.com.

²Professora Associada Universidade Federal do Piauí/ Departamento de Enfermagem/Programa de Pós- Graduação em Enfermagem. Pesquisadora do CNPq, Coordenadora do Mestrado Profissional em Saúde da Família/Fiocruz/Renasf/UFPI e Editora Chefe da Revista de Enfermagem da UFPI-REUFPI.

RESUMO

Objetivo: Discutir as oficinas como instrumento terapêutico de reinserção social do usuário a partir da percepção de profissionais do Centro de Atenção Psicossocial.

Método: Estudo qualitativo, descritivo, desenvolvido com sete profissionais de um Centro de Atenção Psicossocial de uma cidade da região Nordeste do Brasil. Para produção dos dados utilizou-se uma entrevista semiestruturada e dados analisados pelo software Iramuteq. **Resultados:** São apresentados dois segmentos: o primeiro retrata a realidade do trabalho dos profissionais no Centro de Atenção Psicossocial. O segundo ressalta as oficinas terapêuticas como instrumento de reinserção social.

Considerações finais: Os resultados mostram que as oficinas terapêuticas contribuem para a efetivação da mudança social acerca da doença mental e para inclusão social de pessoas com transtornos psíquicos no cotidiano familiar, na comunidade, incentivadas pela abordagem multidisciplinar.

DESCRITORES: Serviços de Saúde Mental. Psicoterapia de Grupo. Reabilitação.

ABSTRACT

Objective: To discuss the workshops as a therapeutic tool for the user social reintegration from the perception of professionals Psychosocial Care Center.

Method: A qualitative descriptive study, developed with seven professionals in a Psychosocial Care Center of a city in the Northeast region of Brazil. For production data used a semi-structured interview and data analyzed by Iramuteq software.

Results: Presents two segments: the first depicts the reality of the professional work in Psychosocial Care Center. The second emphasizes the therapeutic workshops as probation instrument. **Final considerations:** The results show that therapeutic workshops contribute to the realization of social change on the mental health and social inclusion of people with mental disorders in family life, community, encouraged by the multidisciplinary approach.

DESCRIPTORS: Mental Health Services. Group Psychotherapy. Rehabilitation.

INTRODUÇÃO

O tratamento em saúde mental centrado na hospitalização psiquiátrica passa, a partir da reforma psiquiátrica, a ser substituído por um modelo de atendimento comunitário com trabalho multiprofissional visando oferecer uma atenção voltada aos aspectos biopsicosocioculturais.

O serviço de saúde mental que inicia a construção desse modelo é o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) com propostas que transcendem o cuidado clínico médico, psicológico ou social. Dentre estas, estão as oficinas terapêuticas como uma importante ferramenta mediadora entre o portador de transtorno mental e a equipe multiprofissional e comunidade (COSTA et al., 2012).

As oficinas terapêuticas se constituem em espaço teórico e prático que proporciona essa mediação por meio de atividades coletivas, do desenvolvimento das potencialidades e de capacidades de aprendizado com o auxílio de profissionais que ensinam novos ofícios e oportunizam a expressão dos sentimentos (COSTA et al., 2012).

Desta forma, as oficinas terapêuticas buscam oportunizar ao usuário a reconstrução de laços de cuidado consigo mesmo, de trabalho e de afetividade com os outros. São atividades grupais de socialização, expressão e inserção social, nas quais a principal tarefa de quem coordena é possibilitar essas oportunidades e o seu

valor está na reabilitação do usuário, possibilitando-o trabalhar e descobrir suas potencialidades para conquistar espaços sociais (DIXON et al., 2012).

As atividades são realizadas em grupos com a presença e orientação de um ou mais profissionais. As mesmas podem ser definidas através do interesse dos usuários e das possibilidades dos técnicos de serviços, tendo em vista a maior integração social e familiar, a manifestação de sentimentos e problemas, o desenvolvimento de habilidades corporais, e também na realização de atividades produtivas (BRASIL, 2004).

De modo geral, as oficinas terapêuticas podem ser desenvolvidas individual e/ou em grupo com aqueles que fazem acompanhamento de modo intensivo, semi-intensivo e não intensivo no CAPS. Dentre as atividades terapêuticas destacam-se: festividades em datas comemorativas, assembleias e reuniões, atividades artísticas (expressão corporal, gestual e musical), além das orientações quanto à importância da utilização das medicações psicoterápicas e atividades comunitárias, enfocando a integração social do usuário na família e na comunidade (MIDDLETON; PERRY; CRAIG, 2014).

Portanto, promover a reabilitação psicossocial como paradigma fundamental desta nova modalidade de cuidados em saúde mental é eleger atividades e ações que motivem as aspirações, anseios e escolhas de usuários e familiares, respeitando-se suas subjetividades, além da valorização da coparticipação e da corresponsabilidade (HENGARTNER et al., 2012).

Ademais, trabalhar com pessoa com transtornos mentais exige das profissionais habilidades especiais, capacidade de se relacionar terapêuticamente sem perder a visão da integralidade e da sensibilidade para descobrir potencialidades no outro quando tudo parece indicar o oposto. O enfermeiro deve utilizar conhecimentos, habilidades e competências na resolução compartilhada e horizontal dos problemas do sujeito e suas necessidades de saúde (PINHO et al., 2013).

Nesse sentido, toda equipe profissional do CAPS deve ter a sensibilidade de perceber os processos que regem os distúrbios da mente e utilizar de metodologias adequadas nas oficinas terapêuticas, bem como conhecer e compreender todas as etapas do processo que envolve o tratamento.

A partir desse interesse, tornou-se válida a construção deste estudo, que tem como objetivo: Discutir as oficinas como instrumento terapêutico de reinserção social do usuário, a partir da percepção de profissionais do Centro de Atenção Psicossocial.

METODOLOGIA

Estudo descritivo, com abordagem qualitativa, realizada em um Centro de Atenção Psicossocial da cidade de Fronteiras, Estado do Piauí, região Nordeste do Brasil. Foram participantes do estudo sete profissionais que trabalham com oficinas terapêuticas no referido local, sendo esse um critério de inclusão e excluído os demais que não realizavam oficinas terapêuticas.

Dos participantes, cinco tinham formação de nível superior (Médico, Enfermeira, Psicólogo, Assistente Social e uma Pedagoga) e dois em nível técnico (Enfermagem e Artesã), com idade entre 24 e 66 anos e tempo de formação profissional, de 2 a 41 anos. Apresentaram também em torno de cinco meses a um ano de trabalho no local do estudo.

Os participantes, após leitura e aceitação, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O estudo recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí, Parecer nº34827514.2.0000.5214.

Para a produção dos dados utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturado, com questões relacionadas à percepção dos profissionais acerca do desenvolvimento das oficinas terapêuticas. Respeitando o sigilo e anonimato, os participantes foram codificados como Dep.1, Dep.2 e assim sucessivamente.

Para o processamento dos dados, utilizou-se o software IRAMUTEC (Interface de R pour lês Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires) e definiu-se o método da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) para a análise, onde os textos são classificados em função de seus respectivos vocabulários e o conjunto deles é dividido pela frequência das formas reduzidas (CAMARGO; JUSTO, 2013). Dessa análise resultou em dois segmentos: o primeiro retrata a realidade do trabalho dos profissionais no Centro de Atenção Psicossocial e o segundo ressalta as Oficinas terapêuticas como instrumento de reinserção social. A análise se fez pela análise de conteúdo.

RESULTADOS

Segmento 1 - Realidade do trabalho dos profissionais no Centro de Atenção Psicossocial

A partir dos discursos dos profissionais foi possível compreender suas percepções acerca do trabalho no CAPS, da curiosidade pela área da saúde mental e da importância dessa escolha. Nestas percepções observa-se um sentido pela transformação do indivíduo em sofrimento psíquico e sua readaptação na sociedade.

Escolhi trabalhar no CAPS porque eu tinha muita curiosidade em trabalhar com pessoas que tem problemas mentais, porque são pessoas que a gente trata com muito carinho e eles se apegam muito a gente. (Dep.02)

Trabalhar no CAPS é muito importante, muito bom. (Dep.03)

O CAPS me escolheu e depois eu o escolhi, porque comecei a me apaixonar pelo processo de trabalho que ele me apresentou para que pudesse e estivesse contribuindo para a reinserção dessas pessoas com problemas na comunidade. (Dep.06)

No contexto do CAPS, os profissionais são direcionados a desenvolver atividades com diversos recursos buscando romper com o modelo biomédico, reinserir o usuário na sociedade e reabilitá-lo. Para isso, são utilizadas atividades de suporte terapêutico que devem sempre contar com o apoio da família e da comunidade.

Lá eu trabalho com os materiais que são disponíveis na instituição, geralmente trabalho com pinturas. (Dep. 02)

Então através de produtos artísticos como tapete de fuxico, havaiana customizada, eu acho que dessa forma o usuário é

reinserido como trabalhador, como aluno, como ser humano e como cidadão que conhece, que estuda. (Dep. 06)

As atividades de pinturas são as que acontecem mais diariamente no cotidiano do CAPS, pois, servem para beneficiar o equilíbrio emocional de cada indivíduo, facilitando a expressão e a superação de bloqueios, ocupação da mente, medos, inseguranças e mantendo uma relação mais saudável consigo e com os outros, bem como fortalecendo uma melhor elevação da autoestima. Outra atividade mencionada é a confecção de objetos como forma de tratamento para pacientes, como por exemplo, de tapetes de fuxico e havaianas customizadas.

As oficinas terapêuticas estão direcionadas para indivíduos com sofrimento psíquico, configurando-se como uma peça chave para a ressocialização, ao passo que possibilitam o desenvolvimento de ações e trabalho em grupo, o agir e o pensar coletivamente de maneira a cumprir com a proposta psicossocial que mantém enfoque no respeito às diferenças e a individualidade de cada participante.

A ideia da oficina terapêutica é fazer com que ele se identifique com aquela atividade, que consiga executar aquela atividade, que se sinta útil como ser humano, útil como pessoa, útil como usuário do serviço do caps. (Dep. 04)

As oficinas terapêuticas possibilitam a sua reinserção social na sociedade e oferecem o melhor para eles através dessas atividades. (Dep. 07)

Observam-se percepções de natureza teórica do valor das oficinas terapêuticas. Os profissionais compreendem a importância desse modelo, na capacidade de potencializar pontos positivos dos usuários, dos direitos e da cidadania em diferentes grupos que ainda são discriminados e excluídos.

As oficinas terapêuticas são importantes porque potencializam as trocas dialógicas essas novas abordagens constituem uma tentativa de compreender a doença mental de forma diferente

como ênfase na pessoa doente na sua forma de vida na realidade em que ela está inserida. (Dep. 07)

A minha linha de trabalho é justamente a cidadania, explicar para eles o direito do idoso, do doente mental, do deficiente físico, eles sempre liam a cartilha. A minha parte de oficina é mais a questão de reinserir ele na comunidade. (Dep. 06)

Meu trabalho é mais voltado para que o direito e a reinserção social sejam prevalectidos. Eu vejo que as oficinas terapêuticas são importantes na vida do doente mental, pois sinto que ela contribui para o meio deles. (Dep. 04)

Nos discursos há um reconhecimento da potencialidade da oficina terapêutica pelos profissionais, como fator que favorece das trocas dialógicas, compartilhamento de experiências e progresso na adaptação de vida tanto individual, quanto grupal na realidade em que estão inseridos, pois são ferramentas necessárias para a internalização de significados relevantes para sua vida.

Segmento 2 - Oficinas terapêuticas como instrumento de reinserção social.

As oficinas terapêuticas têm grande contribuição para o processo terapêutico produtivo e desenvolvimento integral da capacidade do sujeito, oferecendo também possibilidades de eliminar ou minimizar as formas de exclusão na sociedade e fazendo com que ocorra a satisfação das necessidades dos participantes através da relação com o outro.

Os profissionais ressaltam a preocupação no desenvolvimento de um trabalho de qualidade voltado para a reinserção social.

É um tipo de tratamento aberto em que o paciente não é tratado em instituição manicomial e que ele vai ter uma condição de reinserção social adequada principalmente porque ele deve ser tratado por uma equipe multiprofissional e eu dou muito valor a isso. (Dep. 03)

Essa reinserção é dada mediante a sua participação nas oficinas, eles aprendem a pintar, a fazer desenhos, colagens de porta retratos, corte e costuras, também trabalhamos com os biscuits e muitas outras atividades. (Dep. 02)

A gente se sente mais grata em poder estar contribuindo de forma positiva para o tratamento daquele paciente, assim como também eles manifestam toda a sua alegria do desenvolvimento e de sua participação das atividades em que desenvolvemos no caps para sua família. (Dep. 05)

As relações dentro das oficinas terapêuticas precisam ser bem estabelecidas, no sentido de deixar o usuário à vontade para manifestar seus desejos e inquietações, sua arte precisa ser valorizada. O profissional deve estimular a liberdade de expressão, oportunizando um atendimento aberto e propulsor de ideias e atitudes singularizadas por cada usuário.

No que se refere à reinserção social, notou-se que é preciso avançar muito no que tange a superação do modelo biomédico dentro do CAPS, pois foi observado nos discursos dos participantes a ausência do médico na participação das atividades de oficinas terapêuticas.

Estas atividades tem a participação de todos os pacientes juntamente com os profissionais presentes, com exceção do médico que só atende e prescreve a medicação [...]. (Dep. 02)

Olha eu sinceramente nesta parte eu nunca participei diretamente porque a minha função devido ser só eu como psiquiatra numa micro e macro região não tem como, mais concordo com estas oficinas dentro de CAPS. (Dep. 03)

Observa-se que o tempo dedicado pelo profissional é curto para participar das atividades de oficinas, pois, a inexistência deste profissional nestas atividades pode comprometer e retardar a desinstitucionalização deste usuário do CAPS. De fato, identificou-se no discurso que a presença do médico neste serviço restringe-se a

atendimento individual e prescrição de medicamentos, o que marca a lacuna de uma assistência integralizada.

A oficina terapêutica é vista pelos profissionais como uma ferramenta oportuna para canalizar os pensamentos e valores desse usuário levando à produção de algo útil para si e para a coletividade a sua volta, o que poderá levá-lo a um processo de reabilitação psicossocial mais efetivo e traçar um caminho de interesse a essa busca do ser social e atuante.

A oficina terapêutica ela é de fundamental importância para proporcionar uma melhor reinserção deste sujeito na sociedade, depende e vai depender do tipo de oficina terapêutica que você propõe, depende dos recursos que você tem para desenvolver. (Dep.04)

O que a gente faz lá com eles, vai proporcionar a eles aprenderem e até mesmo fazerem em casa, passarem a vender para ter lucro para si próprios. (Dep. 02)

[...] Estas oficinas proporcionam ao paciente expressar suas ideias e sentimentos, sendo capaz de vencer o medo e estigma de ser incapaz. (Dep. 03)

Nesse sentido, as oficinas terapêuticas proporciona o resgate da identidade do usuário após sua participação efetiva nessas atividades aplicadas dentro do CAPS. Todas essas impressões são claramente esboçadas pelos profissionais, pois eles entendem as oficinas como propostas de trabalho focado em objetivos, seja de expressão, educação ou produção em que os usuários se manifesta de maneira saudável, mostrando suas potencialidades para solucionar problemas dentro do espaço de trabalho e conseqüentemente ampliando essas atitudes para seu convívio social.

DISCUSSÃO

A reflexão sobre a percepção dos profissionais mostra que a escolha profissional foi motivada, inicialmente pela curiosidade e, posteriormente pela

satisfação pessoal de trabalhar com pessoas em sofrimento psíquico, por considerarem pessoas carentes, com necessidades de diálogo, atenção e carinho.

Também é percebido que o processo terapêutico apresentado pelo CAPS foi estimulante para o profissional desenvolver um trabalho que pudesse contribuir para a reinserção do indivíduo em sofrimento psíquico na sociedade.

Esse é um sentimento de valorização e reconhecimento do trabalho, que possibilita a construção de arranjos criativos no desenvolvimento de oficinas dentro do CAPS. A reforma psiquiátrica brasileira aponta para uma ação transformadora do saber na psiquiatria em que essa transformação, em muitos momentos, é vivenciada pelo trabalhador do CAPS como um fator de prazer (GLANZNER; OLSCHOWSKY; KANTORSKI, 2011).

A diversificação de atividades é essencial para realizar o acolhimento dos usuários de forma integral, já que, com ofertas variadas e diversificadas reduz-se muito a tentação da seleção. Nesse sentido, as oficinas possibilitam a conquista ou reconquista dos usuários em relação à sua interação na sociedade com autonomia e reconhecimento de um cidadão. Esse trabalho requer auxílio da família, pois o usuário deve sentir-se amparado para produzir conexões entre os diversos aspectos componentes do cotidiano, como o trabalho, lazer, amigos, refletindo na credibilidade e amadurecimento da própria família nesse processo (GLANZNER; OLSCHOWSKY; KANTORSKI, 2011).

Os discursos fortalecem a percepção de que as oficinas terapêuticas são instrumentos indispensáveis num processo de ressocialização dos indivíduos com transtornos psíquicos, visto que estas atividades acabam por ser alvo de superação dos indivíduos tratados, favorecendo interação com o meio social e ajudando-o em sua ressocialização, tendo um tratamento aliado com auxílio de profissionais, medicamentos e participação nas atividades desenvolvidas dentro do serviço.

Para que haja efetividade no processo de ressocialização social as ações das oficinas são delimitadas pelas relações interpessoais entre profissionais, usuários e comunidade, sendo que o trabalho em si é uma forma de ressocializar por tratar-se diretamente da comunicação e das inter-relações entre as pessoas que ocupam o serviço (KANTORSKI et al., 2011).

O processo de reabilitação pode ser compreendido como consequência do exercício da cidadania estabelecido por meio do tratamento e ressocialização dos

usuários do CAPS. As oficinas têm a finalidade de proporcionar a simulação e a realização desse exercício quando se interage com outras pessoas. Tal exercício requer diálogo, entendimento e compreensão do que é dito, caracterizando aspectos relacionais do processo de reabilitação das pessoas (BRASIL, 2004)

Quanto aos aspectos que definem as oficinas terapêuticas uma das características primordiais é a sua oportunidade de proporcionar reflexão, diálogos, interações e construção de vínculos entre as pessoas, de forma que há um resgate da sociabilidade e cidadania através do exercício da aproximação entre os distintos atores que frequentam o CAPS. Essa missão do profissional com o usuário está relacionada a uma boa capacidade e disponibilidade do mesmo de interagir com o doente mental e desempenhar suas atribuições que são preconizadas pela Política Nacional de Saúde Mental, respeitando o modelo humanizado de tratamento.

O grupo terapêutico possibilita o compartilhamento de experiências entre os participantes, propicia escuta, orientação e construção de projetos terapêuticos condizentes com as necessidades dos sujeitos. Ao mesmo tempo, a vivência em grupo favorece maior capacidade resolutiva, por possuir vários olhares direcionados para um problema em comum. Essa vivência enseja a construção de novas visões e sentidos capazes de proporcionar mudanças significativas na percepção de vida de seus integrantes (BENEVIDES et al., 2010).

A desinstitucionalização precisa acontecer de forma efetiva, pois mesmo em um ambiente sem clausura o que, às vezes, precisa de mudança é a postura da equipe, o preparo e naturalidade com que se atende o usuário e a responsabilidade que todos assumem perante o processo de retorno ao ambiente social, respeitando-se particularidades da vida cotidiana e trabalhando de forma integrada para que o paciente tenha acesso ao cuidado holístico.

A essência de um trabalho multiprofissional é sanar qualquer tipo de dificuldade estabelecida no tratamento, pois a partir do olhar diferenciado compreende-se que o usuário terá mais chances de ser abordado em suas dificuldades.

Quanto aos aspectos que tratam sobre o papel das oficinas terapêuticas na reinserção social dos usuários, verifica-se que os profissionais relatam atividades propostas que corroboram com a literatura específica sobre a temática. A percepção estabelecida abrange atividades que procuram desconstruir uma estrutura

psiquiátrica na sua forma obsoleta de existir, para a construção de um novo modelo, voltado para o cuidado e preocupação com os direitos dos usuários (RIBEIRO; MARIN; SILVA, 2014).

Identificou-se que a assistência médica concorda com a reabilitação terapêutica, porém, continua a basear-se no tratamento medicamentoso como primordial e deixa a cargo dos demais profissionais as outras atividades e limitando-se apenas as suas atividades rotineiras, o que interfere de forma negativa no resultado terapêutico e cria dificuldades para a equipe e os usuários.

Na saúde mental, a atenção eficiente é a psicossocial, por meio da qual se pode transcender a exclusiva medicalização da doença e oferecer aos pacientes espaços de escuta, acolhimento, interação e laço social. Não se pode negar que deficiências no vínculo usuário-profissional comprometem o acolhimento do sofrimento mental e que as falhas na organização dos serviços refletem os limites do modelo biomédico ainda arraigado e impregnado nas práticas estabelecidas (MACHADO; SANTOS, 2013).

As oficinas terapêuticas proporciona o resgate da identidade do usuário após sua participação efetiva nessas atividades aplicadas dentro do CAPS. Todas essas impressões são claramente esboçadas pelos profissionais, pois eles entendem as oficinas como propostas de trabalho focado em objetivos, seja de expressão, educação ou produção em que os usuários se manifesta de maneira saudável, mostrando suas potencialidades para solucionar problemas dentro do espaço de trabalho e conseqüentemente ampliando essas atitudes para seu convívio social.

Dessa forma, a transformação da pessoa e a elevação de sua autoestima acontecem justamente quando ela consegue se sentir como um Ser muito maior que sua doença. Nesse propósito, mantem-se além da manifestação de sintomas e do tratamento medicamentoso. Por meio das oficinas, redescobre suas habilidades como potencialidade para superar o sofrimento e até mesmo aprender com este sintoma.

A construção que acontece dentro do CAPS exige uma abordagem mais individualizada e esses espaços de interação proporcionam um contato direto com as particularidades de cada um dos pacientes, bem como o envolvimento relacional de uns com os outros e isso acaba disseminando a vontade do paciente de se

relacionar ao perceber a valorização dada às suas produções (AZEVEDO; MIRANDA, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos discursos dos profissionais é reconhecida a importância do trabalho em oficinas terapêuticas, os benefícios proporcionados para a reabilitação dos usuários destes serviços, a dinâmica de trabalho nas oficinas, possibilidades e dificuldades para a atuação dos profissionais nesta modalidade de serviço oferecida nos CAPS, que são alguns dos elementos evidenciados nesta investigação.

Através de seus resultados conclui-se que a utilização das atividades de oficinas terapêuticas dentro dos Centros de Atenção Psicossocial contribui para a efetivação da mudança social acerca da doença mental e para inclusão social de pessoas com transtornos psíquicos no cotidiano familiar, na comunidade e do próprio agir do sujeito. Visam à melhoria na qualidade de vida dos usuários do serviço, incentivadas pela equipe multiprofissional, tomando como norte a visão de que os profissionais atuem contribuindo para a reabilitação psicossocial dos usuários e para o aprendizado de novos saberes, numa relação dialógica.

O estudo apresenta como limitação ser produzido pela subjetividade, cujos participantes tem autonomia para falar sobre o perguntado da forma como percebem e podem se manifestar pela emoção e pela valorização do trabalho que realizam, e, por vezes, desconsiderarem a realidade.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, D. M.; MIRANDA, F. A. N. Oficinas terapêuticas como instrumento de reabilitação psicossocial: percepção de familiares. **Esc. Anna Nery**. v.15, n.2, p.339-345, 2011. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ean/v15n2/v15n2a17.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2014.

BENEVIDES, D. S. et al. Cuidado em saúde mental por meio de grupos terapêuticos de um hospital-dia: perspectivas dos trabalhadores de saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 14, n. 32, p. 127-138, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/icse/v14n32/11.pdf>>. Acesso em: 04 fev 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde Mental no SUS: Os Centros de Atenção Psicossocial**. Brasília, DF, 2004. Disponível em:

<http://www.ee.usp.br/departamento/nucleo/CComs/doc/Manual%20CapsFinal.pdf>.

Acesso em: 02 ago. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial**. Brasília, DF, Ministério da Saúde, 2004c. Disponível em: <http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sm_sus.pdf>. Acesso em: 20 maio 2014.

CAMARGO, B. V.; JUSTO A. M. **Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ**. Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição-LACCOS. Universidade Federal de Santa Catarina. Brasil, 2013. Disponível em: <<http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>>. Acesso em 03 fev. 2015.

COSTA, L. F. P. et al. Oficinas terapêuticas: um instrumento eficaz na reabilitação psicossocial para internos de um hospital psiquiátrico. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**. v.10, n.2, p.104-114, 2012. Disponível em: <<http://revistas.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/702/pdf>>. Acesso em: 21 maio 2014.

DIXON, L. et al. Evidence-based practices for services to families of people with psychiatric disabilities. **Psychiatric services**. v. 52, n. 7, p. 903-910, 2014. Disponível em: < <http://ps.psychiatryonline.org/doi/pdf/10.1176/appi.ps.52.7.903>>. 26 mai 2015.

GLANZNER, C. H.; OLSCHOWSKY, A.; KANTORSKI, L. P. O trabalho como fonte de prazer: avaliação da equipe de um Centro de Atenção Psicossocial. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 45, n. 3, p. 716-21, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342011000300024&script=sci_arttext>. Acesso em: 09 abr. 2015.

HENGARTNER, M. P. et al. Attitudes of mental health professionals towards persons with schizophrenia: a transcultural comparison between Switzerland and Brazil. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 39, n. 4, p. 115-121, 2012. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832012000400001 >. Acesso em: 03 fev 2016.

KANTORSKI, L. P. et al. A importância das atividades de suporte terapêutico para o cuidado em um Centro de Atenção. **Journal of Nursing and Health**, v.1,n.1, p.4-13, 2011. Disponível em: <

<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/viewFile/3401/2792>

>. Acesso em: 03 fev 2015.

MACHADO, V.; SANTOS, M. O tratamento extra-hospitalar em saúde mental na perspectiva do paciente reinternado. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 18, n. 4, p. 701-712, 2013. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722013000400012&script=sci_arttext>. Acesso em: 21 ago. 2014.

MIDDLETON, J.; PERRY, K. N.; CRAIG, A. A Clinical Perspective on the Need for Psychosocial Care Guidelines in Spinal Cord Injury Rehabilitation. **Int J Phys Med Rehabil**, v. 2, n. 226, p. 1-6, 2014. Disponível em: < <http://omicsonline.org/open-access/a-clinical-perspective-on-the-need-for-psychosocial-care-guidelines-in-spinal-cord-injury-rehabilitation-2329-9096.1000226.pdf> >. 26 mai 2015.

PINHO, L. B. et al. Atividades terapêuticas: compreensão de familiares e profissionais de um centro de atenção psicossocial. **Escola Anna Nery: Revista de Enfermagem**. Rio de Janeiro, RJ. Vol. 17, n. 3 (jul./ago. 2013), p. 534-541, 2013. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/85469>>. Acesso em: 03 fev 2016.

RIBEIRO, L. A.; MARIN, L. L.; SILVA, M. T. R. Atividades grupais em saúde mental. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 28, n. 3, p. 283-293, 2014. Disponível em: < file:///C:/Users/profi_000/Downloads/9980-38168-1-PB.pdf >. Acesso em: 04 fev 2015.